

AMBIENTES DE TRABALHO: TERRITORIALIDADE PARA AS GERAÇÕES EMERGENTES

AMBIENTES DE TRABAJO: TERRITORIALIDAD PARA LAS GENERACIONES EMERGENTES

WORK ENVIRONMENTS: TERRITORIALITY FOR EMERGING GENERATIONS

BUSSI, LUIZE ANDREAZZA

Mestre, Doutoranda da Universidade Federal de Santa Catarina; ORCID 0000 0001 6768 680X; E-mail: luize@arqlb.com.br

ALMEIDA, MARISTELA MORAES DE

Doutora, Doutora, Professora Associada da Universidade de Santa Catarina; ORCID 0000 0002 9916 734 X; E-mail: arqtela.ma@gmail.com

RESUMO

Os ambientes voltados para o trabalho são de grande importância na vida urbana, onde o indivíduo adulto passa cerca de um terço das horas do dia, desenvolvendo-se em suas habilidades profissionais, intelectuais e sociais. Com a Pandemia da Covid-19, assim como em outros momentos de crise de saúde global, para atendimento de premissas sanitárias se fizeram necessárias algumas mudanças na forma de ocupação dos espaços de trabalho e na manutenção da territorialidade individual e coletiva. Esta pesquisa investiga e tem por objetivo entender o que se alterou na forma de ocupação de espaços de trabalho quanto à manifestação da territorialidade a partir da Pandemia da Covid-19 e quais estratégias projetuais podem ser lançadas em futuros projetos de ambientes de trabalho para gerações emergentes (*Millennials* e Geração Z). Para tanto inicialmente apresenta-se uma contextualização bibliográfica, embasada na Psicologia Ambiental e na Fenomenologia, a fim de explicarem brevemente os conceitos de território, territorialidade e apropriação do espaço. Em um segundo momento apresenta-se uma pesquisa de campo com um grupo de trabalhadores das gerações citadas, que utiliza como método a técnica de "Grupo Focal". O resultado trouxe à tona princípios importantes para os projetistas que pretendem basear seus trabalhos na dinâmica territorial dos novos usuários de escritórios. Com tais valores elucidados, apresentaram-se também alguns diagramas com sugestões para atendimento destas novas demandas.

PALAVRAS-CHAVE: gerações emergentes; ambientes de trabalho; pandemia; territorialidade.

RESUMEN

Los ambientes orientados al trabajo son lugares de gran importancia en la vida urbana, donde el individuo adulto pasa alrededor de un tercio de las horas del día, desarrollándose intelectualmente y en sus habilidades sociales. Con la Pandemia del Covid-19, así como en otros tiempos de crisis sanitaria mundial, se han hecho necesarios algunos cambios en la forma de ocupar los espacios de trabajo y en el mantenimiento de la territorialidad individual y colectiva para cumplir con las condiciones sanitarias. Esta investigación indaga y pretende comprender qué ha cambiado en la forma de ocupación de los espacios de trabajo en cuanto a la manifestación de la territorialidad a partir de la Pandemia del Covid-19 y qué estrategias de diseño se pueden poner en marcha en futuros proyectos de entornos de trabajo para las generaciones emergentes (*Millennials* y Generación Z). Para ello, inicialmente, se presenta una contextualización bibliográfica, basada en la Psicología y Fenomenología Ambiental, con el fin de explicar brevemente los conceptos de territorio, territorialidad y apropiación del espacio. En un segundo momento, se presenta una investigación de campo con un grupo de trabajadores de las generaciones mencionadas, que utiliza como método la técnica del "Grupo Focal". El resultado sacó a la luz principios importantes para los diseñadores que pretenden basar su trabajo en la dinámica territorial de los nuevos usuarios de oficinas. Con tales valores elucidados, también se presentaron algunos diagramas con sugerencias para atender estas nuevas demandas.

PALABRAS CLAVES: generaciones emergentes; entornos de trabajo; pandemia; territorialidad.

ABSTRACT

Work-oriented environments are places of great importance in urban life, where the adult individual spends about a third of the hours of the day, developing intellectually and in their social skills. With the Covid-19 Pandemic, as well as in other times of global health crisis, some changes in the way workspaces are occupied and in the maintenance of individual and collective territoriality have become necessary to meet sanitary conditions. This research investigates and aims to understand what has changed in the form of occupation of workspaces regarding the manifestation of territoriality from the Covid-19 Pandemic and what design strategies can be launched in future projects of work environments for emerging generations (*Millennials* and Generation Z). To do so, initially, a bibliographical contextualization is presented, based on Environmental Psychology and Phenomenology, in order to briefly explain the concepts of territory, territoriality and appropriation of space. In a second moment, field research is presented with a group of workers from the mentioned generations, which uses the "Focal Group" technique as a method. The result brought to light important principles for designers who intend to base their work on the territorial dynamics of new office users. With such values elucidated, some diagrams were also presented with suggestions for meeting these new demands.

KEYWORDS: emerging generations; work environments; pandemic; territoriality.

Recebido em: 13/12/2022

Aceito em: 10/04/2023

1 INTRODUÇÃO

A interação com o seu entorno posiciona o ser humano no tempo e no espaço, e influencia o modo como a pessoa se sente e o modo como age. Neste ponto, a arquitetura dos ambientes é uma das responsáveis pela comunicação de significados, regulados pelas impressões sensoriais que por sua vez, se vinculam aos valores dos indivíduos. Seja no caso de ambientes voltados para o lazer, ou em ambientes voltados a rotina produtiva, estes são idealizados por cada geração com base em determinantes individuais, sociais e culturais de sua época (TOMAZ, 2014). Tais referenciais convencionam os padrões estéticos próprios a cada grupo, que orientam os estilos arquitetônicos vigentes.

Este artigo foi produzido a partir de uma pesquisa desenvolvida para dissertação de mestrado focada nas manifestações da territorialidade de determinado *cluster* geracional, em ambientes laborais, tendo como recorte, um período atípico no cotidiano da população global (BUSSI, 2022). O tempo de desenvolvimento da pesquisa caracterizou-se como um período de exceção: a crise de saúde global conhecida como pandemia da Covid 19, iniciada em 2019, devido à proliferação do novo corona vírus. Ela demandou reflexões acerca dos elementos utilizados ao se projetar ambientes, pois apresentou mudanças drásticas no hábito dos indivíduos, relacionadas ao morar, consumir, interagir e trabalhar. Também se alteravam, a partir desta, o senso de apropriação e de territorialidade.

O *locus* de pesquisa são ambientes de trabalho por se entender que foram os ambientes que vem passando por constantes transformações, suscetíveis a demandas específicas de cada geração. Para além desta constatação entende-se que as mudanças na forma de se trabalhar sofreram mudanças por conta da Pandemia da Covid-19: percebeu-se que, pela necessidade de atendimento de medidas sanitárias, os espaços de trabalho foram desocupados e retomados, gradativamente, em diferentes formatos (como por exemplo, no modelo híbrido) à medida que o mal estava sendo controlado.

A territorialidade quer seja em relação ao espaço individual de cada trabalhador, quer seja em relação ao espaço coletivo, manifestou-se de forma diferenciada, uma vez que novos territórios foram ativados durante a Pandemia e o retorno e a ocupação dos espaços anteriores já não podia ser feita da mesma maneira.

Percebeu-se a necessidade de investigar-se sobre a manifestação desse comportamento em momentos de exceção, o que sugeriu a análise de como são e de como poderão ser os futuros ambientes de trabalho, em especial, os que serão ocupados por gerações emergentes, que tendem a ser a expressão da força de trabalho futura.

Durante as investigações acerca das formas de trabalho e a manifestação da territorialidade, descobriu-se, entre outros fatores a relação da territorialidade com a interação interpessoal: em países da América do Sul, apontou-se que o desempenho das atividades profissionais era melhor, quando realizado em ambientes compartilhados com outras pessoas¹, o que leva a crer que a interação entre colegas, é responsável parcial pelo senso de pertencimento e melhor desempenho com relação às entregas das equipes.

Da mesma forma, há pesquisas² que reportam influências positivas oriundas da satisfação em relação ao ambiente de trabalho, no engajamento dos colaboradores das empresas (GALLUP INSTITUTE, 2017; GENSLER INSTITUTE, 2019). Assim, as formas de interação parecem ter o mesmo peso que as questões territoriais, porém estas não serão abordadas nesta pesquisa com a mesma profundidade que a componente territorial.

Apesar da dificuldade de se pesquisar um período vigente e incerto quanto a consolidação de mudanças de hábitos e paradigmas projetuais, a pesquisa traz, entre seus principais resultados, análises críticas sobre projetos de ambientes de trabalho, especialmente os colaborativos para gerações emergentes, fundamentados em revisão narrativa de literatura e pesquisa de campo. Para além das análises resultantes, a fim de auxiliar e orientar futuros pesquisadores e arquitetos, se propõe como diferencial, discussões e propostas diagramáticas que, em caráter de exercício projetual, simulam a contemplação de requisitos levantados como relevantes nas etapas de pesquisa.

Diante desse entendimento geral, este artigo tem o objetivo de entender como se manifesta a territorialidade em espaços colaborativos de escritórios a partir do período da pandemia por parte das gerações emergentes (*Millennials* e Geração Z) e quais estratégias projetuais podem ser lançadas em futuros projetos de ambientes colaborativos para tais gerações.

Como forma de organização do pensamento crítico, reflexivo e a condução da pesquisa, a investigação se desenvolveu em duas etapas. Na Parte I realizou-se uma revisão narrativa de literatura, acessada pelas palavras-chave: “geração *Millennials*”, “estudo de gerações”, “geração Y”, “geração Z”, “ambientes de trabalho”, “*workplaces*”, “*coworkings*”, “trabalho colaborativo”, “*covid-19*”, “novo coronavírus”; “crise em *Wuhan*” entre outras expressões correlatas, investigadas em português e inglês, em bases bibliográficas

gratuitas (como NDLTD, Google Acadêmico e bases via VPN UFSC. como Base BU UFSC e Catálogo de Teses da CAPES). E ainda, sob o olhar da Psicologia Ambiental (PA) e da Fenomenologia, investigaram-se bibliograficamente conceitos de territorialidade e suas manifestações em ambientes de trabalho por gerações emergentes. Por sua vez, a Parte II recorreu à Grupos Focais, conforme esclarecido no item 3 deste artigo. A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética da UFSC e aprovada pelo CAAE nº 5.120.393, datado de 23/novembro/ de 2021.

2 BASES DE FUNDAMENTAÇÃO: FENOMENOLOGIA E PSICOLOGIA AMBIENTAL

Entender a manifestação da territorialidade demandou entender, preliminarmente, conceito e classificação possíveis a partir dos estudos da Psicologia Ambiental. Para além desse entendimento, mostrou-se necessária a adoção de abordagem qualitativa e sutil sobre os fenômenos que manifestam tal comportamento. Desta forma, a Psicologia Ambiental e a Fenomenologia foram bases necessárias de fundamentação das análises críticas desta pesquisa. A seguir apresentaremos breve recorte de conceituação e caracterização destas duas bases.

O pensamento fenomenológico adota análises qualitativas, centradas no entendimento do viver humano a partir da experiência vivida e da sua reflexão e para tanto assume a corporificação da consciência, ou seja, a experimentação de nós mesmos corporificados. “O corpo é, em primeiro lugar, o meio de toda a percepção: é o órgão da percepção e está necessariamente envolvido em toda percepção” (HUSSLERL, 1989 apud CERBONE, 2006, p. 151). Merleau-Ponty (1999) complementa esta ideia, sugerindo o corpo como um agente de experiência e de transformações, onde os sentidos tem papel mais significativo do que meros receptores. Tal concepção faz com que a fenomenologia descrita por este autor, seja entendida como a principal base das reflexões acerca do mundo e suas relações (NÓBREGA, 2008, p.145).

Entendendo-se que “[...] é o conhecimento das relações entre ambiente construído e comportamento dos usuários permite avaliar padrões existentes, reformulá-los e propor novos projetos” (ORNSTEIN, 1995, p.44), a investigação realizada se justifica pois, ao agregar do conteúdo relacional entre o ser humano e seu espaço, o projetista deve utilizar as dimensões subjetivas capazes de fomentar o senso de pertencimento e apropriação do espaço, o que pode aumentar os níveis de satisfação e bem-estar das pessoas com relação aos ambientes projetados.

Comportamento Socioespacial: Território e Territorialidade

Investigando o comportamento socioespacial, suas características e classificações, autores como Newman (1972), Altman (1975), Sommer (1975), Hall (1977), Moore (1984), Gifford (1987) e Lang (1987), permitem o entendimento do conceito de território, como limites e domínios espaciais que preservam a sobrevivência dos indivíduos. Tais espaços, a partir do desenvolvimento da sociedade, delimitam outros espaços intrínsecos, constituintes da personalidade e organização cognitiva do ser humano e um meio a partir do qual se obtém a privacidade (ALTMAN, 1975). Nesse contexto, as hierarquias denominadas “gradientes de privacidade” (NEWMAN, 1972) são essenciais para a percepção de bem-estar e de segurança pelas pessoas.

A territorialidade, por sua vez, é o conjunto de comportamentos desenvolvidos para demarcação e manutenção deste território, sejam materiais (como os ambientes ocupados), sejam imateriais - como as ideias (COCA, 2014), funcionando como uma espécie de “organizador do comportamento e da vida humanos”. (PINHEIRO; ELALI, 2011, p. 151). Segundo Hall (1977) tal comportamento está presente em diversas espécies animais, não sendo exclusividade do ser humano. O autor denominou de “proxêmica”, o estudo deste espaço que as pessoas projetam em torno de si a fim de delimitar sua interação com os outros, indicando que um dos fatores que mais influenciam o comportamento espacial é a interpessoalidade. Neste quesito, ele categorizou 04 diferentes perímetros de espaço, a partir da proximidade e dos tipos de trocas possíveis, a saber, o íntimo (< 45 cm), o pessoal (46-120 cm), o social (121-360 cm) e o público (> 360 cm)³. Especificamente com relação a ambientes de escritório, Hall (1977, p. 59) propõe três áreas de consideração:

- a) Uma área imediatamente relacionada à atividade, que contempla o tampo e a cadeira;
- b) Uma área intermediária, onde objetos estão ao alcance do braço, porém fora da área imediata;
- c) Uma área onde é necessário o distanciamento entre a cadeira e a mesa de trabalho (mas ainda assim sem levantar-se do posto) sugerindo um novo espaço limítrofe.

Ambientes de Trabalho

“...os ambientes destinados ao trabalho foram os que passaram por transformações mais profundas nas últimas décadas...” esta afirmação (CALDEIRA, 2005) nos parece melhor explicar a inquietação de se investigar ambientes de trabalho, “*locus da identidade*”⁴ (GUNTHER, 2021). Entende-se o ambiente de trabalho como o local onde a territorialidade se manifesta tanto no aspecto material, com a demarcação do território individual nas respectivas estações de trabalho, bem como imaterial, relacionados a ideias, pontos de vista e como os indivíduos formam sua visão de mundo e a compartilham com seus pares. Assim, o ambiente de trabalho é o local onde a arquitetura e o design proporcionam ao indivíduo a realização de suas atividades profissionais e o desenvolvimento e amadurecimento de seu potencial individual.

Analisando-se o estilo de vida das gerações que se utilizam dos ambientes corporativos, observa-se que, atualmente, a força de trabalho é formada por pelo menos 04 (quatro) gerações (TOMAZ, 2014; TORRES, 2019): (i) Os “Baby Boomers” nascidos entre 1945-1965; (ii) Geração X: nascidos entre 1965-1980; (iii) Geração Y ou *Millennials*: nascidos de 1981- 2000; (iv) Geração Z: nascidos de 2000 até os dias atuais. Considera-se que para as gerações *Baby Boomers* e para a Geração X, o foco de vida estava na estabilidade e ascensão de carreira o que demandava espaços laborais que simbolizassem a posição hierárquica ocupada pelo trabalhador. Como exemplo desta simbologia atrelada aos espaços de trabalho, observa-se o uso de plantas e *layouts* com departamentos isolados, mesas de trabalho de diferentes formatos e de salas fechadas de acordo com a hierarquia organizacional, privilegiando-se cargos superiores. No entanto, observa-se que, diferente das gerações anteriores, para as gerações Y e Z, o foco está na qualidade de vida e, por assim dizer, na qualidade de vida no trabalho.

A partir dos anos 2000, as mudanças tecnológicas e a popularização da internet impulsionaram, ainda mais, as transformações na paisagem de escritórios. No Brasil, ocorre um movimento de grande densificação dos ambientes de trabalho orientados pela maximização da ocupação de espaços. Paralelamente, empresas de tecnologia como a Google ditavam novas formas de trabalho, menos hierarquizadas e mais colaborativas que apesar de promoverem grande interação entre os pares, por outro lado, não privilegiavam a privacidade e a territorialidade individual.

Durante o período mais crítico da Pandemia da Covid-19 (Anos 2020 e 2021), devido às exigências sanitárias de distanciamento e isolamento social, se observou uma migração do trabalho presencial para o sistema remoto de *home office*⁵ (BRITO, 2021). Pesquisas⁶ apontam que, apesar da desocupação de lajes corporativas ter sido em torno de 40%, a produtividade em diversos setores aumentou em 50%. Entretanto, apesar dos benefícios, identifica-se o aumento do número de casos de estresse onde os colaboradores relataram queda de empatia com colegas e distúrbios de sono (ROYAL SOCIETY FOR PUBLIC HEALTH apud BRITO, 2021), atingindo também extremos como casos de solidão, esgotamento físico e mental e casos de *burnout*⁷ (URBAN apud BRITO, 2021).

Passando-se do escritório planejado dos anos 80, onde prevalecia a organização hierárquica, influenciada, dentre outros, pelos escritórios da empresa *Google* nos anos 2000, que focavam a horizontalidade e a colaboração, os espaços de *coworking* e chegando-se ao espaço de trabalho pós- pandemia, percebe-se que, a condição primordial, deve ser a qualidade do ambiente e as condições de Conforto Funcional como parâmetro de medição da qualidade de vida no trabalho pois as autoras entendem que um ambiente confortável funcionalmente seria aquele que oferece condições adequadas para a realização de tarefas necessárias (VISCHER et WIFI, 2015). Concorda-se com Vischer (2008, p.231) que a satisfação do indivíduo com o ambiente de trabalho é um ponto crucial sendo primordial a investigação a respeito de como este se apropria do espaço, do senso de territorialidade, de usabilidade, bem-estar físico, interação social entre outros aspectos socioespaciais.

Nesse ponto, porém, é importante lembrar que são várias as determinantes para a satisfação no trabalho (MARQUEZE; MORENO, 2005) e, portanto, não se deve atribuir a falta de satisfação apenas ao arranjo físico-espacial ou estético de um ambiente. Não há como se negar que a satisfação com o lugar interfere na forma com que cada usuário lê e se apropria do seu espaço.

Pesquisas realizadas pelos Institutos Gallup e Gensler (2019) corroboram que exista correlação entre a satisfação com o espaço de trabalho e o engajamento de seus usuários. Descrevem que, no ambiente que permite melhor interação dos colaboradores com seus pares e o maior envolvimento com a cultura da empresa, tanto maior é o senso de pertencimento àquela organização. Somados a estes resultados, outras pesquisas, informam que, em países da América do Sul, os usuários trabalham melhor quando em ambientes compartilhados com outras pessoas⁸.

Com as análises das formas de ocupação e apropriação de ambientes de trabalho por diferentes gerações e em diferentes períodos até os dias atuais, enfatiza-se a concepção de tais ambientes onde prevaleçam sistemas integrados, flexíveis, capazes de se reorganizarem de forma dinâmica e versátil, customizados ao invés de padronizados e que, sobretudo, sejam ambientes mais humanizados e promotores de melhores interações entre os usuários. No item seguinte focaremos atenção no entendimento das gerações emergentes, público-alvo da pesquisa.

Cluster Geracional: Gerações Emergentes

O conceito de geração compreende-se como uma forma de categorização e embora em um grupo geracional exista individualidades significativas, ainda assim, estabelecem-se similaridades que justificam o agrupamento (VERZONI; LISBOA, 2015).

Ocupou-se este estudo com as pessoas nascidas entre 1980 e meados da década de 2010⁹, abrangendo duas gerações distintas, denominadas consecutivamente *Millennials* ou Y (HOWE; STRAUSS, s/d, *apud* TOMAZ, 2014) e geração Z (HOWE; STRAUSS, s/d, *apud* BEJTKOVISKY, 2016). Optou-se por estes grupos, pois são as pessoas que prioritariamente ocupam ou ocuparão num futuro próximo, os espaços de trabalho.

São gerações com domínio em tecnologias digitais e habilidades multitarefa (HALF, 2015 *apud* SALTORATTO; GASCHLER; AGUIAR; OLIVEIRA, 2019), capazes de utilizar dos canais de informação disponíveis e participar de reuniões, acompanhar mídias sociais, assistir televisão ou jogar, simultaneamente. São criativos e desenvolvem soluções inovadoras (BURSTEIN, 2013) valorizam a independência no trabalho e orientam-se para entrega de resultados com rapidez e excelência.

Com mentalidade disruptiva, estes indivíduos têm ambições profissionais onde prevalece o desejo de liberdade e autonomia no trabalho. Preferem horários flexíveis e espaços alternativos, estão dispostos à customização de cargos baseados em objetivos temporários (TAPSCOTT, 2010), primam pela colaboração aos sistemas verticalizados e valorizam a diversão, o entretenimento e a interação dos grupos.

Salvaguardam-se aqui algumas diferenças entre os dois grupos geracionais, lembrando que apesar de muito próximas em suas preferências, existem características específicas de cada grupo geracional. O exemplo do afirmado pode ser citado uma maior inserção nas relações virtuais entre os indivíduos da geração *Millennials*, enquanto que a geração mais nova tende a valorizar mais as interações presenciais. Há também uma maior preocupação com estabilidade financeira nos indivíduos da geração Z em relação aos da geração *Millennials*, porém ambas as gerações estão alinhadas ao sentimento de pertencimento, sobretudo quando parte de equipes organizacionais que promovam impactos positivos na sociedade.

Sobre o tempo de Pesquisa: Pandemia Covid-19

Ao longo dos séculos, a humanidade enfrentou diversas crises de saúde global que representaram momentos de análise dos paradigmas das condições urbanas. Observa-se que, desde o século XIV, torna-se necessária a atenção às precárias condições de higiene e saneamento ofertadas pelas cidades medievais que favoreciam a proliferação de doenças como a Peste Negra. Também por questões sanitárias e higiênicas é possível entender-se a proliferação de vírus causador do Cólera, trazidos da Ásia para a Europa por volta dos anos 1817 a 1830 e que encontravam nos bairros menos favorecidos e suas baixas condições de infraestrutura, o habitat ideal para proliferação. Da mesma forma, no período compreendido por volta de 1896 a 1980, epidemias de Varíola assolavam vários países. Documenta-se que nos anos de 1850 e 1950 eclode a Tuberculose: altamente contagiosa, demandou mudanças na forma de se projetar espaços construídos visando evitar a sua incidência. Seguindo cronologicamente, nos séculos XIX e XX, a humanidade sofreu com epidemias como as Febres Tifóide (Tifo) e Amarela, a Malária, o Sarampo, a Gripe Espanhola e a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) que ainda não encontraram resposta de cura efetiva até os dias atuais.¹⁰

O caso da crise de saúde global que se abateu a partir de 2019, com a proliferação do novo corona vírus (SARS-CoV-2), identificada inicialmente na cidade de Wuhan na China e posteriormente disseminada e transmitida de pessoa a pessoa¹¹, a exemplo do ocorrido em situações pandêmicas anteriores, gera reflexões sobre os modos de se projetar: a Pandemia da Covid-19¹² representou mudanças de hábitos de vida tanto nos aspectos relacionados ao morar, consumir, interagir e trabalhar. Por sua vez, essas mudanças de hábitos que se fizeram necessárias demandarão novas formas de se pensar e projetar espaços.

A apropriação e o comportamento de territorialidade também se alteraram, pois, espaços destinados anteriormente a uma atividade ou função específica, foram ressignificados e incumbidos de abrigar outras atividades como o caso do ambiente residencial que teve que acomodar repentinamente as funções de trabalho e estudo.

Por sua vez, em ambientes de trabalho, citados anteriormente, que foram desocupados por conta dos requisitos de isolamento e distanciamento, percebeu-se a urgência da atualização de plantas e de *layout* onde o espaço territorial individual ou coletivo pudesse ser preservado. Desta forma, analisa-se que este período de exceção tenha agido como um catalisador de mudanças das configurações espaciais e nas questões de conforto ambiental que se faziam necessárias, especialmente nos ambientes de trabalho colaborativos.

3. PESQUISA DE CAMPO

Após realizada a investigação bibliográfica que promoveu um suporte teórico acerca das inquietações que motivaram a pesquisa (resumida no item 1 deste artigo), entendeu-se ser necessária a realização de uma etapa de campo para subsidiar uma análise mais ampla dos achados e resultados gerais obtidos. Como método da investigação em campo adotou-se a técnica qualitativa denominada “Grupo Focal” (ASCHIDAMINI; SAUPE, 2004). Em sua aplicação da técnica, também foram utilizadas as ferramentas “Poema dos Desejos” e “Seleção Visual” que, segundo Dall’agnol e Trench (1999) apresentam como vantagem, a possibilidade de se intensificar o processo de obtenção das informações acerca de um determinado fenômeno, podendo valer-se de várias ideias ou do aprofundamento de alguma delas “[...] Portanto, uma investigação pautada na técnica de grupos focais, [...], constitui-se numa modalidade de pesquisa-ação” (DALL’AGNOL; TRENCH, 1999, p.10).

Para condução e aplicação da técnica, criou-se uma equipe de coordenação composta por 01 (um) coordenador que assistia a dinâmica, 01 (um) moderador que conduziu as dinâmicas e 01(um) observador que anotava detalhes do desenvolvimento da dinâmica, intervindo na condução, caso fizesse-se necessário (DEBUS, 1997; ASCHIDAMINI; SAUPE, 2004; MAZZA; OLIVEIRA MELO; CHIESA, 2009).

Público participante

Foram participantes da pesquisa, os colaboradores Empresa Junior de Engenharia de Produção da UFSC (EJEP), pois teriam as características referentes ao público-alvo. A EJEP é uma empresa formada essencialmente por alunos do curso de Engenharia de Produção da UFSC, na faixa etária compreendida entre 18 (dezoito) e 25 (vinte e cinco) anos. Em geral, o quadro de trabalhadores é composto por 29 (vinte e nove) membros organizados em cargos de presidência; vice-presidência; diretoria de projetos; diretoria de R.H. e diretoria de mercado. Observa-se que, durante a realização da pesquisa em novembro de 2021, a sede da empresa estava desocupada e os membros estavam trabalhando em regime de *home office* por conta das medidas sanitárias. Porém, o plano de retorno contemplava retomada de atividades de forma presencial, ou pelo menos híbrida, até o final daquele mesmo ano.

Procedimentos

A convocação para a dinâmica foi enviada via e-mail, em forma de convite eletronicamente animado, elaborado com componentes atrativos e explicativos, realizado em *Graphics Interchange Format* (GIF). Além disso, os objetivos de pesquisa e temas a serem abordados foram explicados anteriormente a cada sessão de videoconferência, norteando o desenvolvimento da dinâmica e auxiliando os participantes a focarem-se nos propósitos de estudo (MAZZA; OLIVEIRA MELO; CHIESA, 2009).

Foram realizadas 02 (duas) sessões de aplicação da técnica, com duração de 60 (sessenta) minutos cada. O grupo iniciou com 13 (treze) participantes, dos quais 06 (seis) concluíram os trabalhos, número considerado suficiente por Dall’agnol e Trench (1999). Eles formalizaram suas respectivas participações pelo envio dos Termos de Consentimento Livres e Esclarecidos (TCLEs). Para o resguardo de suas identidades, foram atribuídos codinomes aos participantes. Observa-se, que devido ao período de execução, foram encontradas limitações com relação à utilização de método presencial, sendo substituído por atividade virtual síncrona.

Desenvolvimento das sessões

Inicialmente foi utilizada a ferramenta chamada Poema dos Desejos¹³ “[...] com o intuito de conhecer o imaginário dos usuários”. (RHEINGANTZ et al., 2008, P.47), solicitando aos participantes que produzissem descrição escrita ou pictórica do seu ambiente ideal de trabalho. Para Sanoff (1991, *apud* RHEINGANTZ et al., 2008, p. 46) “a atividade do desenho permite que os usuários expressem e narrem a sua visão [...] explicitem suas predileções e indiquem os elementos que consideram mais significativos”. Em seguida propôs-se debate, sobre os resultados aplicando a ferramenta “Espaço de Troca”, e favorecendo as diferentes percepções.

Na segunda sessão, denominada “Seleção Visual” se apresentaram inicialmente imagens de ambientes de trabalho com interações interpessoais, que associavam movimento das pessoas ao dinamismo do trabalho, objetivando dar um primeiro gatilho a discussão proposta e esclarecer as expectativas dos pesquisados. Após a realização desta atividade preliminar, passou-se para a seleção propriamente dita, oportunidade em que as imagens eram apresentadas em pares e confrontadas entre si. Nesse momento utilizaram-se dois tipos principais de imagens, sendo as que apresentassem ambientes de trabalho sem fronteiras pessoais bem delimitadas do tipo (A), e os ambientes com limites mais definidos, do tipo (B). Desta forma ficou mais clara a percepção de algumas questões relacionadas aos conceitos de território e territorialidade (Figuras 01 e 02). Após as escolhas os participantes as debatiam e justificavam.

Figura 01- Exemplo de Slide com imagens a serem selecionadas pelos participantes.



Fonte: A autora a partir de fotos selecionadas em busca na página Canva¹⁴.

A figura 01 é subdividida em 04 (quatro) imagens: 02 (duas) identificadas com a letra “A” apresentam mesas de trabalho sem divisões territoriais ao passo que as figuras do tipo “B” apresentam demarcações expressivas como biombos e anteparos que criam barreiras físicas e visuais. A figura 02 abaixo, composta por 02 (duas) imagens, apresenta, à esquerda, imagem de mesas de trabalho compartilhadas e, à direita, mesas de trabalho organizadas por “ilhas” que criam núcleos de atividades específicas, preferidas pelos participantes da pesquisa.

Figura 02- Exemplo de estação de trabalho compartilhada e núcleos de atividades diversas, ambas no mesmo ambiente comum.



Fonte: A autora a partir de fotos selecionadas em busca no site Canva¹⁵

4. RESULTADOS

Para definição de resultados da Parte II da pesquisa adotaram-se análises interpretativas para os dados coletados, utilizando-se como critérios:

- a) Anotação das respostas dos participantes durante as sessões;
- b) Análise de cada resposta individual e depois coletivamente;
- c) Avaliação de imagens selecionadas (2ª sessão);
- d) Pontos de convergência e divergências entre as respostas;
- e) Tendências manifestadas;
- f) Possibilidades de generalização;
- g) Pertinência, relevância e autenticidade nas respostas.

A análise da voz coletiva e dos resultados obtidos em campo foi facilitada pelo momento “Espaço de Troca” que fez possível certificar-se da ressonância entre os participantes e o pesquisador.

Na primeira sessão identificou-se o uso recorrente de termos como “Inovação, Interação e Conforto”. Questionados sobre tais significados, os participantes (designados pelos pseudônimos Bon Jovi; Gaivota; V.; P.; M. e S.)¹⁶ concluíram que era “um ambiente onde a tecnologia e a criatividade estariam muito presentes”, ou “ambiente de inovação”; “ambiente criativo para gerar soluções tecnológicas”; “ambiente confortável para que as pessoas possam manifestar suas ideias”; “um ambiente dinâmico onde é possível desenvolver atividades diferentes a cada dia”, ou “um ambiente que inspire”, “lugares estimulantes para a produção”.

Foi registrada a preocupação com as áreas regenerativas, como: “espaço para descanso com *puffs* e sofás” ou “área de descanso como copa, café, mesas, sofás, anexo a uma varanda” (P.); ou ainda “ligação com o ambiente exterior” e “iluminação natural e presença de árvores” (J.P.); “ter janelas grandes que proporcionem uma boa luz natural ao ambiente” e “lugar aberto com plantas... um pouco mais lúdico” (J.); e também “lugar de descanso com poltrona” (V).

A necessidade de concentração e/ou privacidade, observada nas sentenças “área de trabalho individual” ou “local para reuniões virtuais, por exemplo, cabines individuais” ou “sala de reuniões privativa” e ainda “lugar de concentração”, manifesta o desejo de isolamento, sobretudo de fontes de ruído características as áreas comuns de trabalho. Contudo, manifestaram-se também as necessidades de interação, em configurações espaciais que privilegiassem a “área comum”, “espaço comum”, “lugar geral”, “área aberta” ou “setores interagindo” ou “área aberta para permitir interação”.

Na segunda sessão as escolhas corroboraram ideias da sessão anterior. Os ambientes que apresentavam uma demarcação territorial, que embora sutil, fosse física e evidente, prevaleceram nas escolhas dos participantes, em detrimento das superfícies completamente compartilhadas e sem demarcações formais. As sentenças “espaços diferentes para realização de atividades diferentes” ou “interações com colegas de trabalho também são importantes, porém, cada um precisa do seu espaço”, traduzem estas escolhas verbalmente.

Também a predileção por ambientes policromáticos e claros, dotados de iluminação e ventilação naturais, ficou evidente. Ambientes fechados que assumissem composições monocromáticas foram identificados como cansativos ou monótonos, pelos participantes.

Com base nos achados bibliográficos e nos de campo percebe-se que atualmente a elaboração de projetos para ambientes colaborativos utiliza-se de recursos projetuais tipo padronizados como, por exemplo, o uso de estações de trabalho coletivas, para os mais diversos tipos de ambientes e que pouco ou raramente garantem a territorialidade dos indivíduos. Possivelmente sob a alegação de aproveitamento de espaço projeta-se dentro de limites mínimos dimensionais e desconsiderando “fronteiras” ou elementos que resguardem o espaço pessoal e os diferentes perímetros preconizados por Hall (1977) para uma satisfatória relação pessoa-ambiente estudados na Psicologia Ambiental.

A pesquisa de campo corrobora para a análise crítica de que é necessário conhecer os comportamentos socioespaciais, especialmente a territorialidade e sua forma de manifestação, para entender quais são os reais anseios dos ocupantes de determinado espaço. No caso e a exemplo da EJEP, por mais que se tratasse de indivíduos pertencentes ao *cluster* geracional que prima pela inovação, pela velocidade dos processos e interações interpessoais, é notória a preocupação com ambientes de trabalho que assegurem a

territorialidade individual. Somados às declarações da pesquisa de campo, é possível se observar em visitas a espaços de trabalho colaborativos contemporâneos, o uso de recursos como pertences pessoais ou até mesmo *headphones* como forma de demarcação territorial e manutenção de privacidade individual.

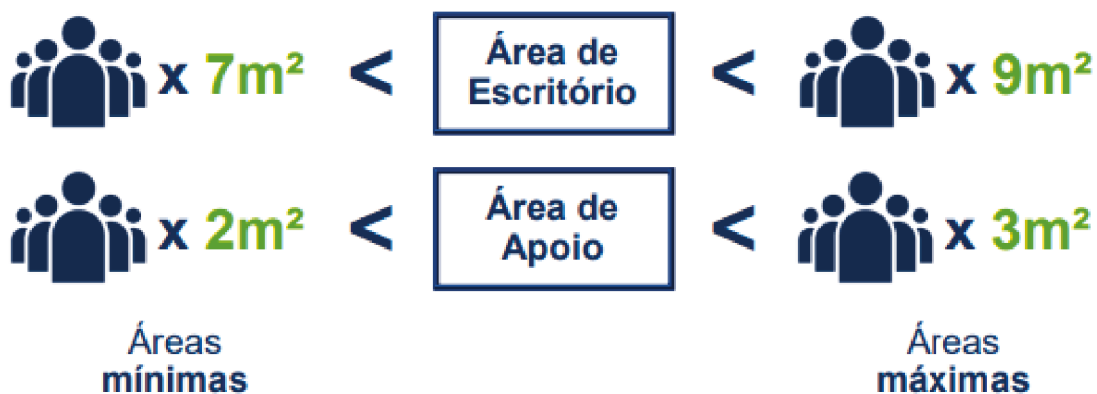
Outra análise que pode ser feita, utilizando-se a abordagem sutil da fenomenologia, é que a territorialidade, para além da manifestação em suportes físicos, assume caráter intangível, imaterial, pois se relaciona com pensamentos e ideias próprias a cada indivíduo que o acompanham e o concedem a percepção do seu *ser no mundo*.

5. DISCUSSÃO E PROPOSTAS DIAGRAMÁTICAS

Com base nas respostas e feedbacks obtidos, foram propostos diagramas, feitos a partir de projeto¹⁷ para ambiente colaborativo no ano de 2021, que visa simular estratégias projetuais que possam atender as necessidades referentes à configuração espacial dos ambientes, aos fatores técnicos entendidos como indispensáveis a realização dos trabalhos propostos, bem como, às atmosferas de interação e do bem estar pessoal dos indivíduos, quesitos importantes levantados nas etapas de campo. Com estas diretrizes projetou-se buscando aumentar o engajamento dos colaboradores com relação ao ambiente, fator relevante na construção do senso de pertencimento a um grupo (TUAN 1980; RELPH, 1976 apud PROSHANSKY, 1983).

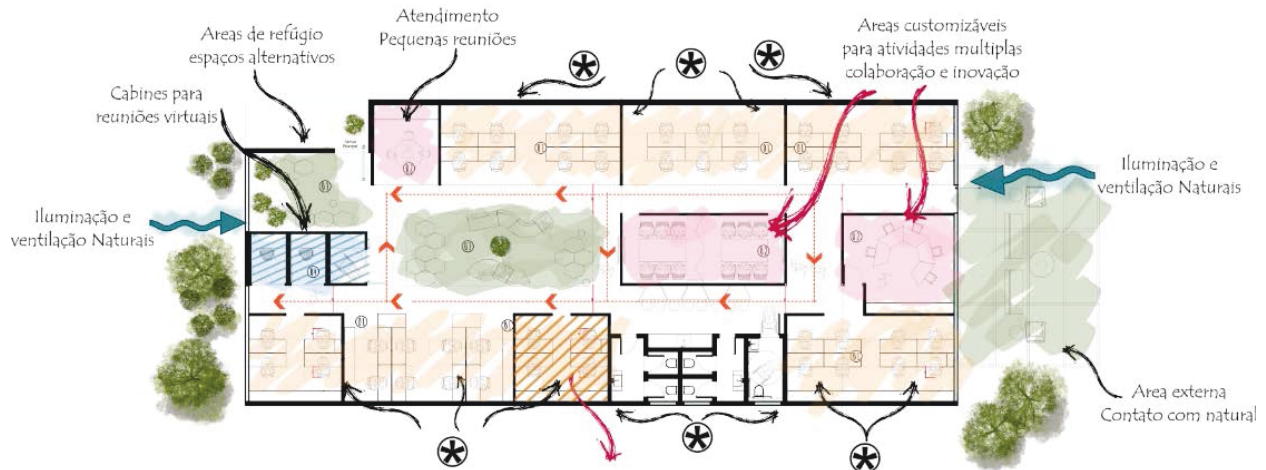
Na figura 04 apresenta-se um diagrama de ocupação de diferentes setores, assinalados com o símbolo * circunscrito, em diferentes configurações espaciais e dispostos ao longo de uma área central de interação com ventilação e iluminação naturais. Foram concebidas áreas de restauro e de contato com a natureza e com o ambiente externo. Algumas cabines foram projetadas possibilitando a customização de acordo com cada etapa ou projeto desenvolvido pela equipe, dando suporte desta forma as dinâmicas adequadas a diferentes situações de trabalho, e a multifuncionalidade característica a este grupo de indivíduos (TAPSCOTT, 2010; BURSTEIN, 2013). Importante são os estudos ergonômicos e de proximidade, para que se possam dimensionar os espaços sociais, mas, primordialmente, com a finalidade de se obter recursos projetivos que evitem um subdimensionamento da esfera privada, que pode ser visto como invasão do espaço pessoal ou ainda do espaço íntimo, o que seria profundamente desconfortável e improdutivo em um ambiente de trabalho. Para atendimento de questões ergonômicas e antropométricas sugere-se a consideração das áreas propostas por Hall (1977, p. 59) mencionadas na revisão bibliográfica, auxiliada pelo atendimento à NR-17 “que estabelece parâmetros para permitir a adaptação das condições de trabalho às características psicofisiológicas dos trabalhadores” bem como, considerar os parâmetros de metragem mínima por funcionário conforme referência abaixo (Figura 03). Além destes parâmetros, faz-se imprescindível adotar uma reflexão fenomenológica e identificar quais **atmosferas**¹⁸ são desejadas para cada ambiente respectivo.

Figura 03- Metragens Mínimas para Dimensionamento de Ambientes



Fonte: Manual de Padrão de Ocupação e Dimensionamento de Ambientes em Imóveis Institucionais da Administração Pública Federal direta, autárquica e fundacional. Disponível em: https://www.gov.br/economia/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/guias-e-manuais/defeso/manual_racionaliza_08set2020.pdf

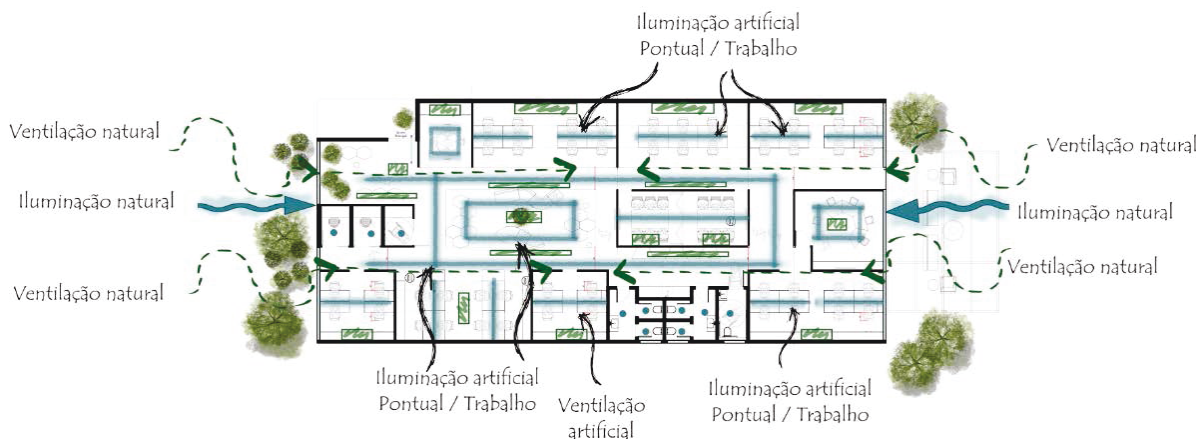
Figura 04: Diagrama 1 - setorização (atividades / atmosferas).



Fonte: A Autora, baseado em projeto elaborado em 2021 somado às manifestações dos participantes na Pesquisa de Campo.

Visando o conforto dos usuários, na figura 05 são exercitados sistemas de iluminação, ventilação e conforto térmico, que tiveram como princípio, estratégias do Design Biofílico¹⁹ (ZANATTA; SANTOS-JR; PERINI; FISCHER, 2019). A consideração de iluminação e ventilação naturais, a presença e a visualização de áreas verdes no interior e no entorno da edificação permitem o bem-estar interno, a interação com o entorno externo, suprimindo demandas relacionadas a limitações características do período pandêmico. Defende-se a integração dos sistemas natural e artificial para corresponder à ambientes de qualidade conforme entendido por Vischer e Wifi (2015) apresentado na revisão bibliográfica. Recomenda-se o atendimento das Normas NBR ISSO/CIE 8995-1 (ABNT NBR ISSO-CIE 8995-1- 2013) para requisitos de iluminação para espaços de trabalho e NBR 16401-2 (ABNT NBR 16401-2- 2008) bem como padrões da *American Society of Heating, Refrigeration and Air Conditioning Engineers* (ASHRAE, 2022) para atendimento de requisitos de conforto térmico.

Figura 05- Diagrama 2 -Sistemas de iluminação, ventilação e conforto térmico.

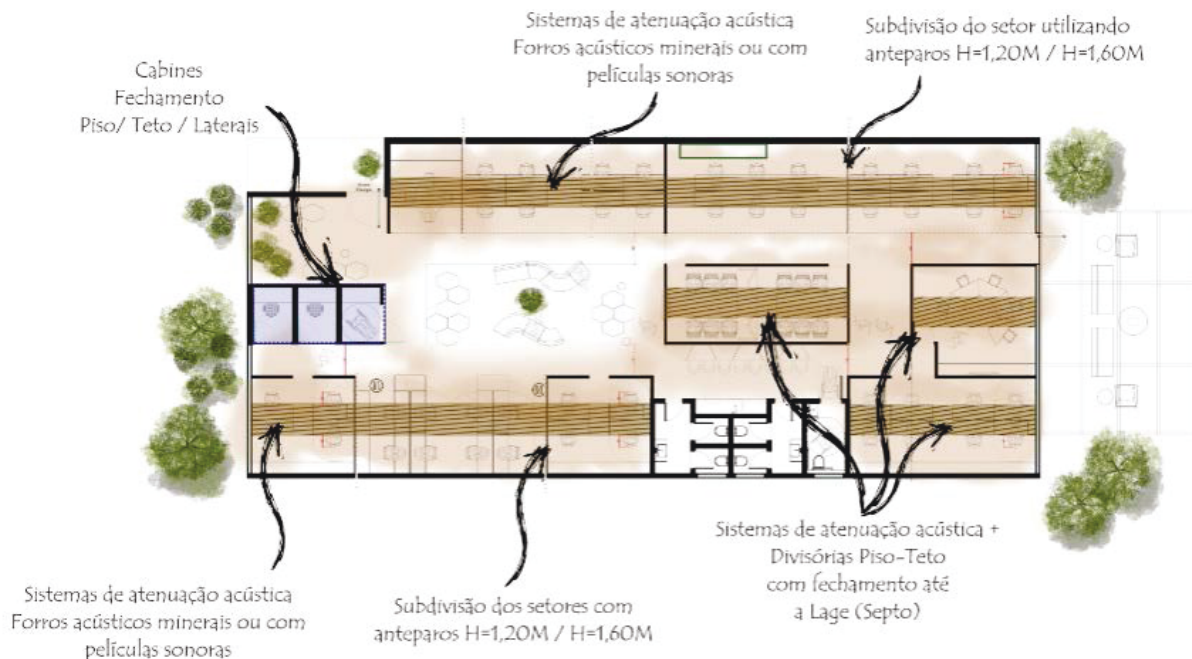


Fonte: A Autora baseado em projeto elaborado em 2021 somado às manifestações dos participantes na Pesquisa de Campo

Apesar do despojamento na linguagem arquitetônica, e da busca por ambientes menos hierarquizados, característicos às gerações estudadas, a concentração exigida no desempenho das funções laborais foi determinante na busca de soluções para mitigar os desconfortos, gerados pela falta de espaços privativos (ALTMAN, 1975). Neste aspecto deu-se ênfase projetiva para a acústica, preocupação recorrente durante a pesquisa de campo (Figura 06). Para atendimento de requisitos de conforto acústico, recomenda-se que o(s) ambiente(s) atendam a Norma NR-10152 que trata nos níveis recomendados de audibilidade e ruído nos ambientes bem como a Norma NBR 12179 que orienta quanto ao tempo de reverberação do som no

ambiente e ainda a norma alemã VDI 2569 (1990) que recomenda tempo de reverberação médio em diferentes frequências sonoras²⁰.

Figura 06- Diagrama 3 -Elementos para conforto acústico



Fonte: A Autora, baseado em projeto elaborado em 2021 somado às manifestações dos participantes na Pesquisa de Campo

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sob a luz da Psicologia Ambiental e da Fenomenologia a pesquisa bibliográfica orientada aos ambientes de trabalho, a compreensão das características do público específico, ao estudo das motivações que originam as manifestações da territorialidade em conjunto com os resultados colhidos em campo, deu-se como atingido o objetivo proposto.

Define-se após a pesquisa, adotando-se uma leitura fenomenológica, que os espaços de trabalho projetados para o público em questão, devem permitir flexibilidade em seus usos, portanto, serem passíveis de se transformarem à medida que os corpos o ocupam e segundo as atmosferas desejadas. Deve permitir trocas, interações, mas também que os processos aos que se destina sejam plenamente viáveis. O espaço deve acolher, distribuir, organizar e tornar-se o palco principal da atuação de cada indivíduo. Ao apropriar-se do espaço de forma a compartilhar não apenas a área física, mas o produto da colaboração, o Homem tende a destacar o seu **ser no mundo**, seu papel naquele determinado grupo e sua identidade.

Porém é importante salientar que ao mesmo tempo em que a interação deve ser privilegiada, conclui-se indispensável o uso das áreas privativas. Um dos pontos cruciais do trabalho apresentado, e até mesmo uma surpresa para a pesquisadora, foi observar, que mesmo em um grupo com ideias inovadoras e aparentemente desprendidas de velhos conceitos hierárquicos e adeptos da colaboração e da interação, fica muito evidente a necessidade humana de preservação da territorialidade, seja esta corporificada, ou imaterial, onde o espaço pessoal assume-se como plataforma para a manutenção da personalidade, dos valores e pensamentos individuais.

Entende-se, por fim, que o tempo em que transcorreu a pesquisa foi um catalisador de mudanças na forma de ocupação dos espaços, especialmente aqueles onde acontecem trabalhos colaborativos que precisaram reformular-se para atender às novas demandas. Por outro lado, percebeu-se a necessidade de reflexão sobre o dimensionamento e a configuração espacial bem como ao atendimento de quesitos relacionados ao conforto que já foram advertidos em décadas passadas e que, sob a possível alegação de melhor aproveitamento de espaços, podem ter sido deixadas como que subentendidas. Tais aspectos, em especial a territorialidade, precisam ser trazidos novamente à tona para a elaboração de projetos adequados às gerações emergentes, a serem utilizados no tempo presente e no futuro. Sob esta ótica, ao percorrer a literatura e experimentá-la em campo, a pesquisa alerta sobre o modo como (e com o que) se projeta

atualmente, e aponta caminhos possíveis para elaboração de projetos de ambientes de trabalho, especialmente os colaborativos e destinados às gerações que serão a força de trabalho no futuro. É essencial que eles possam ser frutos de análises mais abrangentes, cujos resultados promovam melhores condições para a consolidação das relações de pertencimento e entre pessoa-ambiente.

REFERÊNCIAS

- ALTMAN, I. *Environment and Social Behavior: Privacy, Personal Space, Territory, and Crowding*. Monterey: Brooks/Cole, 1975.
- AMERICAN SOCIETY OF HEATING, *Refrigeration and Air Conditioning Engineers*. Disponível em <https://www.ashrae.org/technical-resources/ashrae-handbook/ashrae-handbook-online>.
- ASCHIDAMINI, I M; SAUPE, R. Grupo Focal Estratégia Metodológica Qualitativa: um ensaio teórico. *Cogitare Enfermagem*, [S.l.], v. 9, n. 1, june 2004. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/1700>>. Acesso em jan/2023.
- BEJTKOVSKY, J. The Employees of Baby Boomers Generation, Generation X, Generation Y and Generation Z in Selected Czech Corporations as Conceivers of Development and Competitiveness in their Corporation. *Journal of Competitiveness*. vol.8, Issue 4. 105-123. 2016. disponível em: <https://www.cjournal.cz/files/236.pdf>. Acesso em jan/2023
- BUSSI, L. C. A. Um estudo sobre territorialidade em escritórios colaborativos para gerações emergentes durante a pandemia da COVID-19. Dissertação de Mestrado; orientadora, Maristela Moraes de ALMEIDA; coorientadora Máira Longhinotti FELIPPE. 2022. Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/235118>
- BRITO, S. Home Office: o desafio de trabalhar distante da empresa. *Revista Veja*. 2021. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/cultura/home-office-como-administrar-os-desafios-longo-do-escritorio/>. Acesso em jan/2023
- BURSTEIN, D. D. *Fast Future: How the Millennial Generation is Shaping Our World*. Boston: Beacon Press, 2013.
- CALDEIRA, V. Ambientes de Trabalho. *Revista Arquitetura & Urbanismo*; Seção Interseção. Ed nº 133- abril de 2005. Disponível em: https://www.academia.edu/29888162/AMBIENTES_DE_TRABALHO/. Acessado em 01/03/2021. Acesso em jan/2023
- CEINAR, I.M.; MARIOTTI, I. The Effects of Covid-19 on Coworking Spaces: Patterns and Future Trends. In: Mariotti, I., Di Vita, S., Akhavan, M. (eds) *New Workplaces—Location Patterns, Urban Effects and Development Trajectories*. Research for Development. Springer, Cham. https://doi.org/10.1007/978-3-030-63443-8_15. Acesso em jan/2023
- CERBONE, D. R. *Fenomenologia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. (Série Pensamento Moderno).
- COCA, E. L. F. Uma revisão sobre o conceito/ categoria de território. *Revista de Geografia*, UFPE, v.31, n. 31, 2014, p. 102-103. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistageografia/article/viewFile/229130/23529#:~:text=O%20territ%C3%B3rio%20%C3%A9%20o%20espa%C3%A7o,%C3%A9%20um%20espa%C3%A7o%20de%20conflitualidades>. Acesso em jan./2023
- DALCOMO, M. P. Um novo humanismo médico, In: NEVES, J. R. C. (Org.) *O mundo pós- pandemia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020, p. 21-30
- DALL'AGNOL, C.; TRENCH, M. H. Grupos Focais como estratégia metodológica em pesquisas na enfermagem. *Rev. Gaúcha Enfermagem*, Porto Alegre, v.20, n.1, p.5-25, jan. 1999
- DEBUS M. *Manual para excelência em la investigacion mediante grupos focales*. Washington: Academy for Educational Development, 1997.
- GALLUP *State of the American Workplace*. [Web Site]. 2017. Disponível em: <https://www.gallup.com/workplace/238085/state-american-workplace-report-2017.aspx?thank-you-report-form=1>. Acesso em jan/2023
- GENSLER RESEARCH INSTITUTE *US Workplace survey 2019*. 2019 [Web Site]. Disponível em: <https://www.gensler.com/doc/u-s-workplace-survey-2019>. Acesso em jan/2023
- GIFFORD, R. *Environmental Psychology, principles and practice*. Boston: Allyn & Bacon, 1987.
- GIFFORD, R.; STEG, L.; RESER, J. *Environmental Psychology*, 2011. Blackwell Publishing Ltd. Disponível em: <https://web.uvic.ca/~esplab/sites/default/files/Gifford%2C%20Steg%2C%20Reser%202011%20IAAP.pdf>. Acesso em jan/2023
- GOMES, A. C. V. *História, historiadores e a pandemia de Covid-19*. Topoi (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 22, n. 48, p. 588-621, set./dez. 2021 | www.revistatopoi.org
- HALL, E. T. *A Dimensão Oculta*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- LANG, I. J. *Privacy, Territoriality, and Personal Space- Proxemic Theory*. New York, VanNostrand Reinhold Co, 1987.

- MARCON, C. R.; ZANNIN, P. H. T. O conforto acústico em escritórios panorâmicos: estudo de caso em um escritório real. *Revista Ambiente Construído*, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 93-105, jan./mar. 2009. ISSN 1678-8621
- MARQUEZE, E. C.; MORENO, C. R. C. Satisfação no trabalho: uma breve revisão. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, v.30, n.112, p. 69-79. 2005 Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbso/a/M8DvvS9XBrtqBryT6yGYg5n/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em jan/2023
- MAZZA, V. A.; OLIVEIRA MELO, N. S. F.; CHIESA, A. M. O Grupo focal como Técnica de Coleta de Dados na Pesquisa Qualitativa: Relato de Experiência. *Revista Cogitare Enfermagem*, 2009 Jan/Mar; 14(1):183-8.
- MERLEAU- PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, (1908-1961) 1999.
- MOORE, G. T. Estudos do Comportamento Ambiental. in SNYDER, J. C. CATANESE, A. *Introdução à Arquitetura*. Rio de Janeiro: Campus, 1984 (Capítulo 3).
- NEWMAN, O. *Defensible space: Crime prevention through urban design*. New York: Macmillan, 1972.
- NOBREGA, T.P. Corpo, Percepção e Conhecimento em Merleau-Ponty. *Estudos de Psicologia*, N. 13, Vol. 2., P.141-148, 2008. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/epsic/a/4WhJkzJ77wqK6XCvHFwsqSD/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em jan/2023
- ORNSTEIN, S. W. *Ambiente Construído e Comportamento: A Avaliação Pós- Ocupação e a Qualidade Ambiental*. São Paulo: Nobel, 1995
- PINHEIRO, J. Q.; ELALI, G. A. Comportamento socioespacial humano. In: CAVALCANTE, S.; ELALI, G. (Orgs.). *Temas Básicos em Psicologia Ambiental*. Petropolis: vozes, 2011., Capítulo 11. Pág. 144-158
- PROSHANSKY, H; FABBIAN, A; KAMINOFF, R. Placeidentity: Physical World Socialization of the self. *Journal of Environmental Psychology*. vol. 3, 1983, p. 57-83. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0272494483800218>. Acesso em jan/2023.
- RHEINGHANTZ, P. A.; BRASILEIRO, A.; ALCANTARA, D.; AZEVEDO, G. A.; QUEIROZ, M. *Observando a qualidade do lugar: Procedimentos para a avaliação pós-ocupação*. Rio de Janeiro: PROARQ / UFRJ, 2008
- SALTORATTO, G.M., GASCHLER, T., AGUIAR, V.S.M. OLIVEIRA, M.C. 2019. Geração z e os seus impactos na cultura organizacional. *Revista Produção (Online)*. 19, 3 (set. 2019), 1027–1047. Disponível em: <https://www.producaoonline.org.br/rpo/article/view/3600/1834>. Acesso em jan/2023
- SOMMER, R. *Espaço Pessoal*. São Paulo: EPU/ USPE, 1973.
- TAPSCOTT, Don. *A Hora Da Geração Digital: Como Os Jovens Que Cresceram Usando a Internet Estão Mudando Tudo, Das Empresas Aos Governos*. Rio de Janeiro: Agir Negócios, 2010.
- TOMAZ, R. A. Geração dos Millennials e as novas possibilidades de Subjetivação. *Revista Comunicare* v.13. n.1, p.99-110. (MIOLO.indb 99). Disponível em: https://www.academia.edu/12313274/A_gera%C3%A7%C3%A3o_dos_Millennials_e_as_novas_possibilidades_de_subjetiva%C3%A7%C3%A3o. Acesso em jan/2023.
- TRIGO, T. R.; TENG, C. T.; HALLAK, J.E.C. Síndrome de *burnout* ou estafa profissional e os transtornos psiquiátricos. *Rev. Psiq. Clin.* v.34, n.5, p.223-233. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rpc/a/6CTppSZ6X5ZZLY5bXPPFB7S/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em jan/2023
- TUAN, Yi-Fu. Rootedness versus sense of place. *Landscape*. Vol. 24. Pages. 3-8, 1980. Disponível em: <https://rl.talis.com/3/stirling/items/3C2FE142-AE78-61F4-5C60-5A6961D4CE2B.html>. Acesso em jan/2023
- VERZONI, A.; LISBOA, C. Formas de subjetivação contemporâneas e as especificidades da geração Y. *Revista Subjetividades.*, Fortaleza, v. 15, n. 3, p. 457-466, dez. 2015. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S235907692015000300014&lng=pt&nrm=iso. Acesso em jan/2023.
- VISCHER, J.C. Towards a user-centred theory of the built environment. *Building Research & Information*, vol36, n.3, p. 231–240. ISSN: 0961-3218 (Print) 1466-4321 (Online) Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/loi/rbri20>>. Acesso em jan/2023
- VISCHER, J. C.; WIFI, M. The Effect of Workplace Design on Quality of Life at Work. 2015. In: FLEURY-BAHI, G.; POL, E.; NAVARRO, O. (Eds). *Handbook of Environmental Psychology and Quality of Life Research*. London: Springer, p 1-18.
- ZANATTA, A. A; SANTOS JR.; PERINI. C.C.; FISCHER, M. L. Biofilia: produção de vida ativa em cuidados paliativos. *Revista Saúde Debate*. v. 43, n. 122, p. 949-965, jul-set, 2019. DOI: 10.1590/0103-1104201912223. Acesso em: 03/mai/2021.
- ZUMTHOR, P. *Atmosferas. Entornos Arquitectônicos- As coisas que me rodeiam*. Barcelona: Gustavo Gili, 2009.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos à co-orientadora do Mestrado, Prof^a Dr^a Maíra Longhinotti Felipe, pela importante contribuição na realização da pesquisa.

NOTAS

- ¹ Pesquisa “O Local de trabalho na América Latina” realizada pela empresa Gensler, 2019.
- ² Pesquisa realizada pelo Instituto Gallup (2019): *Statement of the American Workplace* e pela empresa Gensler (2019): *U.S. Workplace Survey*.
- ³ Hall (1977) indica que estas indicações métricas são genéricas, podendo variar entre culturas, e ser diferentes mesmo no contexto de uma mesma cultura, em função de cada indivíduo.
- ⁴ Comunicação Pessoal: entrevista online com a Prof.^a Isolda Günther, no dia 05.02.2021, sobre temas da Psicologia Ambiental como territorialidade e identidade de lugar.
- ⁵ Matéria publicada por Brito (2021). Disponível em: <https://veja.abril.com.br/cultura/home-office-como-administrar-os-desafios-longe-do-escritorio/>
- ⁶ Matéria publicada por Brito (2021). Disponível em: <https://veja.abril.com.br/cultura/home-office-como-administrar-os-desafios-longe-do-escritorio/>. A matéria apresenta pesquisas da Royal Society for Public Health; Consultoria de Recrutamento Robert Half e Valuing, empresa de treinamento de executivos. Baseia-se ainda em Dados do IBGE, Data Folha e Valor Econômico.
- ⁷ Síndrome de Burnout ou Síndrome do Esgotamento Profissional é um desgaste devido à sobrecarga profissional, levando a um esgotamento físico e mental da pessoa. (Trigo; Teng; Hallak, 2007).
- ⁸ Pesquisa “O Local de trabalho na América Latina” realizada pela empresa Gensler, 2019.
- ⁹ Ainda não existe consenso absoluto entre os autores deste tema, sobre a data exata de início e fim de cada geração, por isto abordou-se de forma generalizada e aproximada.
- ¹⁰ Sobre a Pandemia da Covid-19: matéria “As grandes epidemias ao longo da história”. Disponível em <https://super.abril.com.br/saude/as-grandes-epidemias-ao-longo-da-historia/> _DALCOMO, 2020, p. 22-30; GOMES in ESPINOSA et al, 2021, p. 599
- ¹¹ Sobre a Pandemia da Covi-19: <https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/sua-saude/informacoes-sobre-doencas/informacoes-coronavirus>
- ¹² Sobre a Pandemia da Covid-19: BALOCH, Saira; BALOCH, Mohsin Ali; ZHENG, Tianli; PEI, Xiaofang. The Coronavirus Disease 2019 (COVID-19) Pandemic. *Tohoku J. Exp. Med.*, 2020, 250, 271-278
- ¹³ Recurso desenvolvido por Henry Sanoff que considera como ferramenta importante e eficiente quando se pretende investigar de forma mais abrangente, e utilizando-se de uma observação mais global e exploratória.
- ¹⁴ Disponível em: <https://www.canva.com/design/DAEvWQZtwOA/GC9x5ZeycE11EUgOfo7qww/edit#>
- ¹⁵ Disponível em: <https://www.canva.com/design/DAEvWQZtwOA/GC9x5ZeycE11EUgOfo7qww/edit#>
- ¹⁶ Codinomes adotados pelos participantes e pela pesquisadora para proteção de identidade
- ¹⁷ Observa-se que, à época da Pesquisa, novembro de 2021, a EJEP, empresa participante da Parte de campo, não estava ocupando a Sede. Desta forma optou-se por um exercício projetual onde se pudesse simular o atendimento das demandas levantadas na pesquisa de campo.
- ¹⁸ Atmosfera segundo Peter Zumthor “...comunica com a nossa percepção emocional, isto é, a percepção que funciona de forma instintiva e que o ser humano possui para sobreviver...” (ZUMTHOR, 2009, p. 12-13)
- ¹⁹ Design Biofílico: A Biofilia é um termo que se refere ao “amor à vida, aos elementos naturais. Difundida em 1984 pelo biólogo americano Edward Wilson com sua obra homônima “Biophilia” a defende como característica inata do ser humano de se estar conectado aos elementos naturais, ao ambiente natural. Assim sendo o Design Biofílico seria, a forma do ser humano se conectar a natureza por meio do ambiente construído.
- ²⁰ FREYMUTH et al, (2002 Apud Marcon et Zanin, 2009) sugerem o uso da Norma alemã pois consideram que no Brasil não exista uma norma que oriente quanto ao tempo desejável de reverberação. A saber: a Norma alemã recomenda um valor menor ou igual a 0,5 segundos para o tempo de reverberação médio nas frequências de 500, 1000 e 2000 Hz.

NOTA DO EDITOR (*): O conteúdo do artigo e as imagens nele publicadas são de responsabilidade dos autores.